

INDISCIPLINA ESCOLAR: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA ENTRE ESCOLA, PAIS E PROFESSORES¹

Egeslaine de Nez²

RESUMO: A indisciplina tem sido motivo de muitos encontros e debates dentro do espaço escolar na busca de soluções, isto porque, tornou-se a principal causa de reclamações e desgastes dos professores em todos os níveis de ensino. Porém, esta situação desconcertante não é recente, é tão antiga quanto à existência da própria escola. Este artigo tem como objetivo refletir sobre este grande problema emergente nas escolas, tanto em âmbito privado como público. A necessidade é preemente no sentido de aprofundar os conhecimentos sobre as causas da indisciplina e, sobretudo, conhecer as possíveis raízes dos problemas daqueles que são rotulados pelos professores de indisciplinados. Na escola, garantidamente, o silêncio não é sinônimo de disciplina ou garantia de aprendizagem, assim como outras formas de distribuição espacial das carteiras que torne o ambiente mais acolhedor e propício ao desenvolvimento do conhecimento às vezes, também, não contribuem para o sucesso do processo de ensino. O que se pode ainda considerar é que, historicamente, o sistema educacional mudou e a família também. Neste sentido, é fundamental que a escola estabeleça regras e regulamentos para que o trabalho educativo seja realizado de forma organizada e coerente.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina; Professores; Pais e Escola; Comportamentos.

ABSTRACT: The indiscipline has been cause for many meetings and discussions within the school, in search of solutions, because it has become the main cause of complaints and damage of teachers at all levels of education. But this disconcerting is not recent, is as old as the existence of the school itself. This article aims to reflect on this big problem emerging in the schools, both in private and in public context. The need is preemente to deepen the knowledge of the causes of indiscipline and, in particular, knowing the possible roots of the

¹ Artigo produzido a partir das discussões realizadas na disciplina de Didática, no curso de Licenciatura em Geografia, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão.

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, graduada em Pedagogia e Especialista em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Professora Titular da Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: e.denez@yahoo.com.br

problems of those who are labeled by teachers of undisciplined. At school, guaranteed silence is not synonymous with discipline or guarantee of learning, as well as other forms of spatial distribution of the portfolios that makes the environment more welcoming and conducive to the development of knowledge, one sometimes does not contribute to the success of the process of teaching. What can you even consider is that historically the educational system has changed and the family also. Accordingly, it is essential that the school establish rules and regulations for the educational work is carried out in an organized way and consistent.

KEY WORDS: Indiscipline; Teachers; Parents and School; Behavior.

1. Introdução

Quando inicialmente começa-se uma fala ou escrita sobre educação ou sobre o sistema educacional, acaba-se pensando em políticas públicas educacionais, metodologias e outros fatores que se encontram interligados a essa realidade, todos preocupados com métodos, práticas e técnicas e algumas vezes, esquecendo as personagens principais desta situação que são o professor e o aluno.

A finalidade deste texto é encontrar, no meio deste emaranhado de interesses e desinteresses que é o tecido da educação, o papel fundamental que tem a relação cotidiana do professor com seu aluno e o quê esta relação produz na construção dos saberes escolares. Assim, conceitua-se indisciplina construindo uma breve reflexão sobre a grande problemática na qual o sistema escolar vive.

No atual momento em que a sociedade se encontra, a preocupação com a educação a cada dia que passa aumenta significativamente. Isto porque existem várias idéias, sobre como tentar resolver os problemas existentes no cotidiano escolar. Porém, o objetivo da educação nem sempre é alcançado, ou seja, a qualidade do ensino nem sempre é conseguida e a prioridade de todas as ações não são realizadas no espaço da escola.

Todo o processo da educação se baseia em vários aspectos, tais como político, cultural e epistemológico, o urgente é a necessidade de se

avançar, cada vez mais, em estudos e análises para o aprimoramento desses processos na busca de um ensino diferente do que existe hoje.

Destaca-se, porém, que as tecnologias dominam todas as relações sociais de um modo arbitrário e as relações humanas tornam-se complexas e até por vezes duvidosas, deixando algo sempre a desejar. Na sociedade contemporânea aparecem situações onde os problemas sociais causados pela busca desenfreada de poder e as atitudes indisciplinadas dos indivíduos derivam destas situações, manifestando contradições e provocando desordens em todos os espaços, inclusive no espaço escolar.

Neste sentido, a educação sofre modificações no que se refere às políticas, currículos, teorias e tecnologias utilizadas. Na escola, muito tem se falado em autonomia, competências, cidadania e construção de uma educação que leve o aluno a desenvolver um senso crítico, de forma a ser um agente ativo capaz de transformar suas relações sociais, porém em função da globalização e do neoliberalismo reinantes na sociedade, o que resulta são atitudes bem diferentes das indicadas pelos professores e pais.

É aqui que se ancoram as preocupações com a disciplina escolar, é exatamente a partir destas colocações que se quer compreender quais os motivos da indisciplina escolar, buscando enfatizar e refletir sobre a disciplina enquanto construção do conhecimento ou controle de comportamento na escola.

Mesmo este sendo um assunto que muito preocupa professores em geral, ainda, assim, a discussão é superficial, falta clareza para definir os termos, por ser de uma enorme complexidade e também pela ausência de registros e pesquisas, que poderiam servir de suporte para um melhor entendimento desta temática.

2. Indisciplina escolar: esclarecendo e conceituando

Historicamente, muitas correntes surgiram na educação, todas atendendo a um dado momento histórico e a determinados interesses emergentes na sociedade. Inicialmente era a abordagem tradicional, na qual

o aluno era um mero expectador do ensino, caminhou-se pela abordagem comportamentalista, onde o meio oferecia os estímulos e o indivíduo, as relações. A etapa seguinte foi a abordagem humanista, nesta tendência o aluno começou a ter valor e foi colocado no centro do processo, depois, já na abordagem cognitivista, o indivíduo passou a ser compreendido em eterna construção e, por fim, chega-se à abordagem sócio-cultural, que parte do princípio que o aluno carrega consigo uma bagagem de conhecimentos e emoções e deve-se entender isso para se viabilizar a aprendizagem (MIZUKAMI, 1986).

Mas, apesar de todas estas tendências, os problemas com a disciplina se perpetuam e a escola também continua sem saber lidar com eles. Atribui-se à indisciplina dos alunos quase tão somente a fatores externos a escola, como se não tivesse relação com sua maneira de ensinar e com outros elementos macrosociais que acabam interferindo nas ações diárias do espaço escolar.

Na abordagem tradicional, quando o aluno só ouvia e não podia manifestar suas opiniões e nem sua criatividade, onde todos deveriam seguir um determinado padrão de comportamento (MIZUKAMI, 1986), talvez a indisciplina ocorresse com menos frequência, porém houve muitos traumas ocasionados a partir dessas ações e dos castigos físicos presentes a essa época histórica. O tempo passou, as novas abordagens foram surgindo e mesmo com tudo isso, a indisciplina toma conta da escola e a instituição não está dando conta desse grave problema.

Ao refletir sobre o assunto, pode-se perceber que mesmo praticando as novas tendências, em que o aluno participa da construção do conhecimento e sua criatividade, encontra um maior espaço, ainda, se quer enquadrá-lo e se almeja uma sala com alunos que sejam homogêneos e que uma mesma atividade deve ser desenvolvida, com aproveitamento igual por todos.

Porém, feliz ou infelizmente isso não ocorre, pois os alunos são diferentes e quando se tem alunos que se manifestam de forma diferente, taxam-se os mesmos de indisciplinados, pois não se enquadram nas “normas

e regras”³ existentes na instituição escolar.

Quer-se apenas, que o aluno siga um determinado comportamento, para isso organiza-se a sala de aula, destacando os professores como donos do saber. Fala-se muitas vezes em formar alunos críticos, porém não se sabe lidar com o aluno quando o mesmo tenta se opor às possíveis regras ou normas existentes na escola e proclamadas pelos professores e que eles não entendem.

Muitas instituições educacionais definem o aluno disciplinado como aquele que se sujeita, aceita sem fazer objeção, é passivo quanto ao conjunto de regras pré-estabelecidas, tem comprometimento, é organizado, tem interesse, enfim, é educado. Desta forma, aquele que se apresenta com um comportamento contrário, consecutivamente é desobediente e indisciplinado (KULLOK, 2002).

Esta forma de identificação do aluno é bastante aceita na sociedade, já que quando o aluno se manifesta com inquietação, questionamentos, conversas ou desatenção, entende-se isso como atitudes indisciplinadas. O que se quer é que os alunos tenham somente um tipo de atitude referente aos trabalhos escolares e que, principalmente, não sejam desordeiros e muito menos bagunceiros.

Então pode-se dizer que o ensino está baseado em critérios que fixam comportamentos logo que o aluno entra na escola, e este deverá exibí-los ao longo dos períodos escolares, esses comportamentos são pré-determinados.

Neste sentido, na busca de um respaldo teórico, é necessário esclarecer que a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicados.

Assim, ela pode ser entendida como a:

Incapacidade do aluno (ou de um grupo) em se ajustar às normas padrões de comportamento esperados. A disciplina parece ser

³ Exemplo do entendimento dessas normas e regras é a necessidade de silêncio para algumas aulas (expositivas) ou para aulas de cálculo, em algumas escolas encaminhar-se a salas de aulas em “filas”, entre muitas outras situações escolares.

vista como obediência cega a um conjunto de prescrições e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola [...] qualquer manifestação de inquietação, questionamento, discordância, conversa ou desatenção por parte do aluno é entendida como indisciplina [...] (REGO, 1996, p. 85).

Para muitos educadores, disciplinado é, então, o aluno que fica quieto, presta atenção na aula e apenas faz todos os exercícios solicitados, pois muitos esperam encontrar na sala de aula um ambiente tranquilo, nem sempre primando pela interação necessária para que exista a construção do conhecimento e formação do aluno crítico, reflexivo, consciente e participativo no meio em que vive.

Rego (1996) ainda induz a reflexão de que “a disciplina, ao invés de ser compreendida como um pré-requisito para o aproveitamento escolar, é encarada como resultado (ainda que não exclusivo) da prática educativa realizada na escola” (p. 87). Assim, se o professor tiver uma prática educativa que motive e conquiste o aluno a participar das atividades, de forma prazerosa e não como uma obrigação imposta, o resultado será um ambiente propício à construção do conhecimento.

Há ainda que se destacar que a disciplina, algumas vezes, é uma prática necessária diante de toda e qualquer situação, até mesmo nas condutas mais comuns vividas cotidianamente, se a disciplina não se fizer presente a atividade muitas vezes estará fadada ao insucesso.

Desta forma, a indisciplina é um fenômeno que decorre da sociedade e de seu sistema de ensino, mas é um fenômeno essencialmente escolar tão antigo como a própria escola e tão inevitável quanto ela. Porém, tem a mesma profundidade no sistema familiar, no relacionamento dos pais com seus filhos, na educação recebida, nas questões de limites, enfim, toda a sociedade tem participação nesta questão (AMARAL, 2000).

O indivíduo para ser disciplinado sempre precisou acatar regras que lhe são estabelecidas, pois para alguns, isso significa ser educado e ser uma pessoa responsável, capaz de ser atuante na sociedade contemporânea.

Múltiplas abordagens⁴ sobre a disciplina a apontam como o resultado de todo um trabalho educativo de formação, ou seja, não basta que a criança se comporte apenas em um ambiente que possui disciplina como regra obrigatória, a necessidade de se colocar limites precisa ser contínua, pois essa sistematização é indispensável para aprendizagem, não só escolar.

A cobrança maior ocorre na escola por ser este o espaço em que se soma uma grande coletividade de indivíduos que necessitam ser “lapidados” durante sua existência, no entanto é justamente no período que coincide com o período de formação escolar, que começa a ser cobrado do indivíduo uma postura mais coerente e responsável diante dos segmentos sociais.

Ghiggi (et all, 1993, p. 8) destaca que:

A disciplina, então não terá finalidades em si mesma, como não raras vezes constata-se. Mas será “condição indispensável” para conduzir uma prática pedagógica comprometida [...] com o estabelecimento de uma sociedade igualitária (grifo do autor).

A instituição escolar sempre considerou a indisciplina, como o não cumprimento de normas estabelecidas, como a responsável por grande parte dos problemas ocorridos nestes espaços. Mas, hoje em dia, têm se evidenciado, outras questões importantes a serem consideradas, tais como as situações familiares e sociais.

Isto porque não é raro ouvir depoimentos de mães, dizendo que não entendem a atitude rebelde de seu filho, pois em casa sempre tiveram muita disciplina, e vice-versa. Para entender essas atitudes, deve-se analisar a criança e observar seu comportamento em determinadas situações, pois os mesmos podem ou não se identificar com a professora ou ter outro motivo para esta atitude; pode não entender a matéria ou até mesmo estar enfrentando algum problema familiar do tipo: o pai bebe, a mãe apanha; ou lhe falta condições financeiras para a família comprar comida, roupas entre outras

⁴ Ver mais sobre essas abordagens a partir dos autores: Ghiggi (1993), Rego (1996), Kullok (2002), Vasconcellos (1993) entre outros.

situações enfrentadas pelas crianças.

Os limites e a organização sistematizada das ações são resultados de uma metodologia disciplinar desenvolvida pelos atores envolvidos na situação, indiferente da ordem ou modalidade em que se encontra.

Geralmente, quando se comenta o termo disciplina ou indisciplina, lembra-se do espaço escolar, pois parece que somente na escola é que se deve ser disciplinado ou que na escola é que se aprende a ser “disciplinado”, no entanto, essa é apenas uma “regra social”, onde você deve “estabelecer um determinado comportamento para cada ocasião”.

A escola, é claro, depara-se com esse fato de maneira mais expressiva, pois a criança e/ou o jovem passa grande parte do seu tempo tendo que conviver socialmente com pessoas de hábitos, atitudes e culturas totalmente diferentes dos seus, provocando assim, conflitos psicológicos, muitas vezes, aflorados em seu comportamento.

3. Causas da indisciplina escolar

A disciplina é temática geradora de discussões e embates entre vários pesquisadores da educação, pois esse comportamento em sala de aula⁵ é fundamental e exerce grande influência no processo de ensino aprendizagem.

Neste sentido, um dos grandes indicativos a serem avaliados é que a disciplina pode estar diretamente ligada à metodologia desenvolvida pelo educador, é a situação existente ou não dentro de uma sala de aula, contudo é um fato necessário para que o trabalho possa existir e fluir adequadamente (VEIGA, 1991).

Muitas vezes, o silêncio não é sinônimo de disciplina, nem a bagunça sinal de aprendizagem, porém, há que se concordar, alunos abertos ao diálogo, estão mais sujeitos ao entendimento e à disciplina do que aqueles que são reprimidos em seus sentimentos e expressões.

Na mesma caminhada epistemológica Libâneo (1994) destaca que

⁵ Entendida como centro da educação escolar.

a “disciplina da classe está diretamente ligada ao estilo da prática docente, ou seja, à autoridade profissional, moral e técnica do professor. Quanto maior a autoridade do professor, mais os alunos dão valor as suas exigências” (p. 252).

O mesmo autor enfatiza que:

A motivação dos alunos para a aprendizagem, através de conteúdos significativos e compreensíveis para eles, assim como de métodos adequados, é fator preponderante na atitude de concentração e atenção dos alunos. Se estes estiverem envolvidos nas tarefas, diminuirão as oportunidades de distração e de indisciplina (LIBÂNEO, 1994, p. 253).

Como decorrência, os padrões de disciplina que pautam a educação das crianças e jovens, assim como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado, não somente se transformam ao longo do tempo como também se diferenciam no interior das dinâmicas sociais. Por este ângulo, vê-se que a disciplina e a indisciplina são integrantes de um processo dinâmico, que acompanha as mudanças sociais no tempo e no espaço.

De acordo com Rego (1996), as idéias sobre indisciplina divergem em virtude “da multiplicidade de interpretações que o tema encerra” (p. 23). Diz a autora que “o próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história [...]” (p. 24).

A questão da indisciplina não ocorre mediante a um fator isolado, mas sim a um conjunto de instâncias (jurisdições), entre elas, pode-se destacar: a família, a escola e a sociedade, todos têm parcela de contribuição para que isto ocorra, apesar de que é na escola que os reflexos se evidenciam mais profundamente.

Percebe-se assim, que a questão da indisciplina que ocorre em sala de aula, não é resultado de um único elemento, mas sim de um conjunto

de interações que mescla desde fatores “natos” dos indivíduos, até a influência da educação familiar, do meio social em que vive e destacando o papel da escola em atender aos interesses e necessidades dos alunos.

A indisciplina pode ter suas causas dentro ou fora da escola, uma vez que os meios de comunicação expressam a todo momento a violência social e até familiar. Então a escola deve mudar a forma de tratamento dos alunos indisciplinados e deve, sobretudo, cultivar no aluno expectativas quanto a seu potencial fazendo com que assumam responsabilidades junto à escola.

Assim, para Vasconcellos (1993):

As causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco grandes níveis: família, sociedade, escola, professor e aluno. Quando são apontados esses níveis é mais para uma orientação da integração para não se perder de vista os diferentes fatores de interferência, no entanto, é preciso tomar cuidado com uma certa tendência de ver estes aspectos isoladamente um do outro; na realidade estão profundamente entrelaçados (p. 19).

O autor entende que o problema da indisciplina tem raízes profundas e complexas, é resultado de um conjunto de fatores que vão interferindo na vida do indivíduo. Não dá para culpar um ou outro elemento somente, pois todos estão interligados.

É de suma importância, ainda, se enfatizar que a disciplina não seja confundida com o autoritarismo, pois a escola deve fugir da conduta em que Freire (1987) denomina de ranço autoritário. Quando se diz um não, seja para um filho ou para um educando é necessário deixar claro para ele a justificativa dessa atitude e essa resposta negativa deve ser muito bem analisada pelo disciplinador, pois dizer não, nem sempre é a melhor maneira de discipliná-lo.

A posição do educador ou dos pais também precisa ser revista quando se fizer necessário, assumir quando estiver equivocado, pois essa atitude também contribui para que a criança perceba (que o que está em questão é) a busca de uma conduta que contribua o máximo para a formação

dela e para o seu bom convívio com o grupo em que se relaciona.

Neste sentido, indica-se que o limite na questão disciplinar merece dois destaques: com relação à ausência absoluta e do desrespeito às regras e também sobre a permissividade expressiva dos pais.

Os limites necessários à formação de uma criança devem acontecer com a intenção de educá-la e não apenas puni-la. E, para isso, é preciso que os pais e educadores sejam justos, firmes e ao mesmo tempo amorosos. É importantíssimo que o educando compreenda os motivos pelos quais está sendo repreendido, tanto pelos pais quanto pelos professores.

Diante disso, indica-se que a falta de limites é um dos fatores que influencia a aprendizagem, pois para que ela aconteça é necessário que o aluno esteja preparado, organizado, assim, é necessário uma *certa dose de disciplina*, sendo o educando consciente de seus direitos e deveres. É necessário, ainda, não confundir o respeito aos sentimentos e desejos da criança com a falta de limites.

Trata-se de aprender a equilibrar a vontade própria com a do outro, ou seja, aprender a se relacionar, saber ceder quando necessário e reconhecer quando a vontade do outro é mais pertinente. E, no momento em que a criança não tem limites, ela também não sabe ouvir outras opiniões, considera-se o único inteligente, o único sabedor de tudo, trazendo influências negativas em seu aprendizado, pois sofre com falta de atenção sendo uma das causas da indisciplina.

Limites é uma questão de educação, que deveria e poderia ter sido construída pela família. A escola pode esclarecer, intermediar e orientar os pais, conscientizar as crianças da necessidade de se existirem limites, educação e respeito nas atitudes, para não desrespeitar os outros indivíduos.

Os professores, ainda assim, precisam compreender seus alunos, colocarem-se no lugar deles, pois eles têm a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, enquanto pessoa adulta no universo da escola, mas não podem deixar de ter bom humor, educação, respeito e uma forma peculiar de conquistar seus alunos de maneira que formem uma união com respeito e responsabilidade.

Cabe ainda destacar que para estabelecer limites em sala de aula (ou na escola), o educador precisa valer-se das regras, que visam contribuir para a organização do ambiente de trabalho, promover a justiça, fomentar a responsabilidade por aquilo que ocorre em sala de aula e o comprometimento de todos os alunos com os procedimentos e decisões referentes ao espaço escolar.

Segundo Ghiggi (et all, 1993) exigir disciplina de educandos que na escola são indisciplinados, impondo-lhes a idéia de que devem ser subalternos a pessoas e/ou a instituições, enfim de qualquer segmento que já se encontra estruturado e que mantém a sociedade como atualmente se apresenta é, no mínimo, um ato irresponsável por parte do disciplinador.

Portanto, também é papel do educador fazer uso das múltiplas inteligências das quais o ser humano é possuidor. Diante de uma prática indisciplinada, ao se chamar a atenção, deve-se procurar não causar danos psicológicos ao indivíduo, para que esse não se sinta diminuído e/ou humilhado perante seus colegas.

Desta forma, de uma maneira geral, a disciplina é encarada como uma junção de normas e regras que devem ser respeitadas para o bom relacionamento e para que a aprendizagem efetivamente ocorra.

Dentro desse ponto de vista, é fundamental que o professor compreenda que através da organização das atividades, juntamente com a metodologia de ensino, bem como com seu posicionamento teórico a respeito da temática, ele poderá obter atitudes “disciplinadas” dos seus alunos. Também é importante esclarecer que esse empenho dos professores é essencial, mas ele não é o único responsável por isso.

Há situações em que apenas a postura do professor não resolve as situações vivenciadas em sala de aula, há a composição neste tripé da família e da sociedade também. Em alguns momentos se fará necessária a intervenção de profissionais especializados para a resolução dessas dificuldades.

Portanto, os termos disciplina e indisciplina devem ser mais estudados e entendidos por todos os professores, considerando os fatores que os cercam, para que futuramente não sejam vistos como uma questão

indecifrável, mas sim como um caminho para novas formas de se trabalhar com o aluno.

Rego (1996), ainda afirma que:

[...] a escola e os educadores precisam aprender adequar suas exigências às possibilidades e necessidades dos alunos (como, por exemplo, quanto a sua capacidade de concentração, possibilidades motoras, compreensão de determinadas matérias, etc). Os alunos, por sua vez, mais do que obedecer e se conformar com as regras estabelecidas, devido ao receio de punições e ameaças [...], precisam ter a oportunidade de conhecer (e até discutir) as intenções que as originaram assim como as conseqüências caso sejam infringidas [...], o papel mediador do professor é de fundamental importância [...] (p. 99).

Nesse sentido, surge uma responsabilidade muito grande por parte do educador que deve usar suas habilidades para compreender o processo pelo qual se almeja a disciplina em sala de aula e também até que ponto isto será útil para ele, lembrando que o trabalho escolar é resultado de uma prática coletiva que envolve educando e educador (FREIRE, 2001).

O conceito de disciplina nessa perspectiva de reconstrução pedagógica se relaciona com a organização do trabalho escolar, seus objetivos e suas estratégias. Assim, a disciplina será uma conseqüência do engajamento em trabalhos de aprendizagem significativos e diversificados segundo o interesse do aluno (FREIRE, 2001).

Esclarecendo ainda as variáveis propostas por Vasconcellos (1993) há outros fatores que podem contribuir para a indisciplina dos educandos, entre eles estão a falta de interesse ou possibilidade dos pais em conhecer e acompanhar a vida escolar dos filhos e os ambientes econômicos culturalmente desfavorecidos.

É necessário esclarecer que os educandos possuem características individuais, como rebeldia, passividade, intransigência, capacidade ou incapacidade de cooperação, agressividade, entre outros. Para Rego (1996),

As características do funcionamento psicológico assim como o comportamento do ser humano são construídas ao longo de um processo de interação com seu meio social, que possibilita a apropriação da cultura elaborada pelas gerações precedentes. “Cada indivíduo aprende a ser homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não basta para viver em sociedade é lhe preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (p. 67, grifo do autor).

As pessoas do grupo social muito influenciam no comportamento dos indivíduos, quer dizer, o desenvolvimento individual é mediado pelo outro, que delimita e atribui significados à realidade. Ao internalizar as experiências fornecidas por outras pessoas as crianças ou adolescentes reconstróem individualmente os modos de ação realizados externamente e aprendem a organizar os próprios processos mentais, a controlar e dirigir seu comportamento e agir no mundo.

Dessa maneira, o comportamento indisciplinado de um indivíduo dependerá de sua história educativa que terá sempre relações com as características do grupo social e da época histórica em que se insere, em outras palavras, o comportamento (in)disciplinado também pode ser aprendido. Sendo a escola e a família as principais agências educativas, pode-se dizer que o problema da (in)disciplina não deve ser encarado como alheia a essas instâncias.

As atitudes dos pais e sua prática de criação e educação acabam interferindo no desenvolvimento individual e influenciam no comportamento da criança na escola. Os pais podem assumir posturas autoritárias, permissivas ou democráticas.

Pais autoritários são bastante rígidos e exigem muito dos filhos, valorizam a obediência e o cumprimento de regras, por eles estabelecidas sem dar às crianças as razões dessas imposições, ainda fazem uso de ameaças e, por vezes, até de castigos físicos. Pais permissivos são tolerantes até demais e possuem dificuldades em estabelecer regras, limites ou controle sobre seus filhos. Deixam os mesmos bastante à vontade e não exigem que eles tenham responsabilidades. Já os pais democráticos, obtêm resultados mais positivos,

pois respeitam as necessidades, capacidades e sentimentos dos seus filhos. Também são bastante comunicativos, afetuosos e sabem como exigir amadurecimento e independência deles, sem impor-lhes castigos, conseguem estabelecer limites e regras, explicando sempre os motivos e compreendendo o ponto de vista dos filhos (VASCONCELLOS, 1993).

É muito comum também a indisciplina ser associada à revolta, pobreza, violência, hoje, muito presentes na sociedade. Atribuem-na, também, à influência dos meios de comunicação, principalmente à televisão, pois retrata uma sociedade injusta, opressora e violenta, sendo a escola e ,consecutivamente, os alunos as vítimas dessa situação.

Como se pode perceber, os enfoques sobre a indisciplina são múltiplos e variados. A psicologia contemporânea tende a admitir que o indivíduo e a sociedade são complexos e estão em processo de transformação e, por isso, o comportamento humano também é variável (MASETTO, 1992).

Assim, o professor não é o único responsável pela vivência de situações de disciplina ou indisciplina, a sociedade e os pais também são chamados a sua responsabilidade perante essa temática. O problema da indisciplina não deve ser alheio nem à família e nem tão pouco à escola, pois ambas são as principais agências educativas e, por isso mesmo, devem atuar juntas, planejando e discutindo as melhores formas de agir.

Há ainda muitos outros fatores que podem ser considerados como condicionantes de atos indisciplinados no espaço escolar, tais como: a crise de valores, o conflito de gerações, liberalização excessiva no que diz respeito ao aspecto social e familiar, bem como os horários rígidos da escola que não respeitam os ritmos individuais dos alunos, a degradação das escolas, a remuneração inadequada dos professores o que, às vezes, leva a um fraco desempenho na tarefa educativa afastando-os para outras profissões ou complementações salariais, alto índice de insucesso escolar, falta de perspectivas dos alunos, pessoal da escola despreparado para as funções específicas, entre outros.

Desta forma, destaca-se que a indisciplina produz efeitos negativos no aproveitamento escolar e na socialização dos alunos. Tais efeitos acabam

afetando conjuntamente o professor no desenvolvimento de suas tarefas diárias, provocando descontentamento das partes no processo de ensino aprendizagem.

4. Considerações finais

Pensar em educação contemporânea é, antes de mais nada, pensar na superação dos principais problemas que vêm afetando o bom relacionamento entre professor, aluno, comunidade, escola, bem como a grande defasagem na aprendizagem que se tem manifestado em grandes proporções e não deixar de pensar também nas questões relativas à disciplina ou à indisciplina escolar.

Sabe-se que a indisciplina vem sendo um dos maiores problemas que os pais e as escolas estão enfrentando no momento. Sendo que o professor vem ocupando um lugar de destaque nessa luta, pois, muitas vezes, sem saber como lidar, nem qual é a melhor maneira de tratar com ela, acaba sofrendo de esgotamento nervoso, sem encontrar uma saída para solucionar essa situação (KULLOK, 2002).

Às vezes, ao se deparar com a indisciplina, o professor deixa de aproveitar a oportunidade de conhecer e orientar seus alunos e acaba punindo-os por ainda não estarem bem preparados e não conhecerem muito ou quase nada sobre o assunto.

Assim, à escola cabe, também, o compromisso e o interesse por problemas e realizações, dando apoio não só às atividades em sala, mas também fora dela. Pois, a indisciplina, sendo um comportamento humano conforme indicado, sofre influências de todo tipo de fatores que condicionam a própria vida.

Neste sentido, é necessário repensar as práticas educativas, metodologias e cobranças excessivas que são utilizadas no meio educacional e ir em busca de soluções para os problemas que surgem referentes a essa temática.

Como afirma Amaral (2000):

Se sabiamente, o professor exerce, por força de sua função, poder sobre os alunos, é necessário que esse poder se reverta positivamente em prol deles; caso contrário, esses dois personagens se transformarão em adversários, e a sala de aula local de tédio e humilhações para ambos (p. 139).

Sabe-se que a disciplina não é conseguida apenas com punições e gritos, mas com diálogo, conquista e objetivos claros que compete a todos na realização desses. O professor deve repensar e agir com mais profissionalismo e competência, de modo que entre ele e os alunos, sejam um para o outro um ponto de segurança.

É importante esclarecer que a sala de aula não é lugar para tumultos, falta de atenção e brigas, muitas vezes, o professor pouco preparado, sem domínio do conteúdo não desperta no aluno a vontade de aprender e participar da aula.

Muitas vezes, o conteúdo não tem utilidade e não é do interesse do aluno, não diz nada sobre o seu cotidiano, então ele não tem como participar e como resolver as questões propostas, o conteúdo não vem contribuir ou refletir suas condições sociais. Sendo assim, é quase certo que fazer brincadeiras e conversar com o colega é bem mais interessante, do que prestar atenção na professora e em uma aula chata.

Finalmente, cabe explicitar que se deve considerar, de um lado, a necessidade do professor desenvolver um papel significativo e competente na organização das atividades escolares, de outro, a importância de se garantir uma prática pedagógica que incorpore decisões coletivas.

Haja vista de que não se está sugerindo uma ação educativa espontânea ou não diretiva, mas sim uma prática educativa capaz de reconhecer tanto a autoridade do professor como a possibilidade de autoridade compartilhada com os alunos. Sendo assim, a disciplina é inerente a qualquer ação educativa eficiente, já que sem esforço, compromisso e engajamento não há efetiva aprendizagem (FREIRE, 2001).

A aprendizagem requer muito mais do que simplesmente repassar

conteúdos com silêncio em sala de aula e o educando não é obrigado a concordar com tudo o que lhe é repassado ao longo das aulas. As estratégias para uma boa aprendizagem devem partir em primeiro lugar do professor, pois a esse cabe a grande responsabilidade de atrair a atenção dos alunos para o conhecimento que se quer construir com eles.

Nesse processo entra a disciplina, que muitas vezes poderá ser entendida como necessária para a compreensão do conteúdo. O aluno consciente de seu papel poderá aprender, questionar, participar sem, contudo, ter que acontecer uma concordância total e absoluta acomodação do aluno em relação ao que se está sendo ensinado

Conforme cita Jover (1998):

Ninguém nasce rebelde ou disciplinado. Trata-se de um comportamento construído. Se antigamente disciplina equivalia ao silêncio absoluto, a disciplina desejada hoje é a do *interesse e participação*. É importante que o aluno fale, dê a sua opinião, de modo que possamos acompanhar as suas descobertas e sua aprendizagem (p. 35 – grifo nosso).

Desta forma, a indisciplina coloca-se em cena não só pelo despreparo dos pais e da escola, mas também da sociedade como um todo. A família tem papel fundamental ao lado do professor, ela deve aliar-se à escola para que juntas possam intervir com segurança e consciência no processo de formação desse novo sujeito histórico.

Sabe-se que educar é um ato muito mais difícil do que punir. Exige paciência, compreensão, disponibilidade para escutar e aconselhar. O diálogo, ainda parece ser a melhor maneira de um professor lidar com seus alunos indisciplinados e, para os pais, também o melhor caminho para a construção de uma família equilibrada.

Há sim, neste sentido, a necessidade de debater o assunto com todos: pais, alunos, membros da comunidade escolar, enfim, todos os que participam cotidianamente dessa construção histórica.

Para combater a indisciplina, a escola tem de analisar a forma como é exercido o seu controle. A disciplina e a indisciplina são produtos das relações pedagógicas também existentes e estabelecidas entre os diversos protagonistas da realidade escolar. Para isso, a escola tem de primeiro entender sobre a disciplina, que é um conjunto de comportamentos que considera aceitáveis, sob o ponto de vista pedagógico e social, para aqueles indivíduos, naquele contexto. Se esse trabalho for minimamente levado a cabo, a escola pode avançar para medidas de controle disciplinar, se necessário.

A escola deve começar por se organizar e por desenvolver competentemente o trabalho pedagógico com qualidade, para de fato prevenir ações de indisciplina no seu espaço. Para que isso seja bem sucedido, a relação entre professor e aluno deve ser pautada no respeito mútuo, confiabilidade nas ações das duas partes, bem como esperança de um futuro melhor para todos.

Como visto, o que gera indisciplina também é o fato da liberdade excessiva dos pais, a falta de regras e limites, em outros casos é a desestruturação familiar que os levam a desprezar valores essenciais para a formação de sua personalidade.

Neste sentido, a família precisa ser capaz de impor limites, estabelecer horários, dizer não quando for o caso e justificar, mas para isso é necessário um interlocutor (pai, mãe ou responsável) consciente de suas atitudes, ações e reações.

Portanto, para que se chegue a um resultado positivo, necessita-se de uma mescla de todas essas indicações realizadas, dosando cada uma delas de maneira que não se sobreponha e nem fique ausente, muito menos saturada. Por isso, a necessidade de se construir normas coletivas, discutir como lidar com conflitos e transgressões, para que aos poucos se construa e se perceba as vantagens e desvantagens para si e para os outros de agir de determinada maneira.

Nota-se então, que o problema da indisciplina tem raízes profundas e complexas, e que é o resultado de muitos fatores que interferem na vida

dos indivíduos educandos. Não dá para se culpar um ou outro, mas todos estão juntos na construção de um espaço mais disciplinado para o processo de ensino aprendizagem.

Referências Bibliográficas

AMARAL, C. M. I. *A indisciplina em sala de aula: o papel do professor*. Maringá: Acta Scientiarum, 2000.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GHIGGI, G.; TAMBARA, E.; HYPOLITO, Á. M. *Trabalho, conhecimento e formação do trabalho*. Pelotas: UFPel, 1993.

KULLOK, M. G. B. *Relação professor-aluno: contribuições à prática pedagógica*. Maceió: EDUFAL, 2002.

LIBANEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

MASETTO, M. T. *Aulas vivas*. 2. ed. São Paulo: MG, 1992.

_____. *Didática: a aula como centro*. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997.

MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, J. G. (org.). *Indisciplina na escola: alternativas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

VASCONCELLOS, C. S. *Construção da disciplina consciente e interativa em sala e na escola*. São Paulo: Libertad, 1993.

VEIGA, I. P. A. (org.). *Repensando a didática*. 5. ed. Campinas: Papirus, 1991.